

5

Insulamento

Vimos que o objetivo do ceticismo de Sexto é, apesar de parecer ser a guerra, a quietude. O cético pretende curar pelo discurso, depurando-o da intenção de exprimir verdades. Ao final da terapia o paciente torna-se um homem comum, um homem como qualquer outro, nesta instância a teorética filosófica não tem mais cabimento, ela simplesmente não se aplica mais, seu objeto é outro, alienígena. Por sua vez esta é uma via de mão dupla, os problemas da vida cotidiana, bem como as soluções dele oriundas não se relacionam minimamente com a teorética filosófica. O homem que antes pretendia a verdade, que a pesquisou e a perseguiu decepcionou-se, deparou-se com inúmeras *aporias*, suspendeu o juízo e atingiu a quietude, este homem agora livre da pretensão de verdade, torna-se um homem comum e refugia-se em uma instância em que a teorética filosófica não lhe atinge: ele está insulado.

Podemos encontrar traços de isolamento no pensamento Medieval em Ibn Badjdja⁵⁵, por exemplo, um pensador com profundas reflexões políticas para quem não seria possível propor uma reforma política coletiva, somente individual, uma espécie de monadologia política onde os filósofos se isolariam do populacho em um estrato social superior, mas mesmo entre os integrantes desta espécie de casta não haveria um diálogo constante, a situação ideal é de retiro e isolamento. Contudo, este regime do solitário, por mais isolador que seja, ainda não é insulamento. Este não se dá simplesmente pelo ato de isolar-se, mas mais no ato de isolar-se do mundo comum quando pensador teórico e também, o contrário, isolar-se do mundo teórico quando na vida ordinária. Assim sendo, com esta característica dominante, o insulamento começa verdadeiramente a surgir na filosofia Moderna.

⁵⁵ Em torno de 1139.

Quem introduziu a noção de *insulamento* foi M. Burnyeat, notadamente em “Can the Sceptic Live His Scepticism?”⁵⁶ e em “The Sceptic in His Place and Time”⁵⁷, partindo da defesa de Thompson Clarke de que os juízos e conhecimentos afirmados e feitos na vida comum são imunes à dúvida filosófica. Burnyeat em “The Sceptic in...” demonstra como o ceticismo de Sexto incidiria não só sobre a pretensão científica de atingir a verdade, mas também sobre a construção de proferimentos fortemente assertóricos construídos também no âmbito da vida ordinária. A suspensão de Sexto seria assim a retenção do assentimento às crenças tanto científicas quanto da vida comum. Com este ponto de vista mais radical concordamos e o adotamos ao enfatizarmos várias vezes que o cético suspende o juízo sobre todos os proferimentos que expressem por meio de um operador epistêmico implícito ou explícito um juízo assertórico forte. Contudo, ao adotarmos esta posição estaríamos incorrendo na adesão à hipótese de que não há insulamento na filosofia Antiga, e de fato concordamos com isto. Circunscrevo o nascimento do fenômeno filosófico do insulamento à filosofia Moderna. Quanto às filosofias Helenísticas, nelas não pode haver insulamento na medida em que não separam por nenhuma via a vida em duas instâncias: a da vida comum e a da vida teórica. Mas se assim é, qual a pertinência deste tema aqui?

Na verdade, o tema do insulamento é pertinente por que ao lermos os trabalhos de Sexto Empírico encontramos não uma e nem duas, mas diversas maneiras de endossar a hipótese de que há insulamento em sua obra, o trecho mais importante é, penso eu, novamente:

Que aderimos às aparências evidenciar-se-á pelo que dizemos sobre o critério da escola cética. A palavra “critério” é usada em dois sentidos: no primeiro ela significa “o padrão regulador das crenças na realidade ou na não-realidade,” (e isto discutiremos na nossa refutação); no outro ela denota o padrão de ação de acordo com o qual, na conduta da vida, agimos de determinadas formas e abtemos-nos de agir de outras; e do último que estamos falando agora. O critério, então, da escola cética é,

⁵⁶ A primeira versão deste artigo aparece em “Doubt and Dogmatism: Essays in Hellenistic Epistemology”, editado por Malcolm Schofield, M. Burnyeat, J. Barnes. Clarendon Press: 1980.

⁵⁷ A primeira versão deste texto aparece em “Philosophy in History: Essays on the Historiography of Philosophy”, editado por Richard Rorty, J.B. Schneewind, Quentin Skinner. Cambridge University Press: 1984.

dizemos, a aparência, este nome significando o que é virtualmente a apresentação sensível. Considerando que ela reside sobre o sentimento e nas afecções involuntárias, ela não está aberta ao questionamento⁵⁸. Conseqüentemente, ninguém, suponho eu, disputa se um tal objeto tem esta ou aquela aparência; o ponto sob disputa é se o objeto é em realidade tal como parece ser. (*P.H.* I 21- 22).

Nesta passagem Sexto está definindo o critério cético de ação, esta é, como vimos, uma maneira de escapar ao argumento da *apraxia*. O cético vive da forma mais natural possível, ao invés de agir contra a natureza, mas mais ainda, este posicionamento, esta maneira de viver, não pode ser atacada porque não está sob discussão (*αβούλευτος*). A minha interpretação sobre esta questão de se há ou não insulamento em Sexto é que sim, mas não este tipo de insulamento Moderno onde um mesmo sujeito quando provisoriamente desligado da vida cotidiana torna-se teórico e pode questionar o tempo, por exemplo, e logo após este mesmo sujeito pode provisoriamente insular a instância teórica do seu ser ou da sua razão e cumprir os prazos que lhe são exigidos na vida comum. O insulamento de Sexto é o recolhimento do sujeito que após longa pesquisa filosófica livra-se definitivamente, e não provisoriamente, da teórica. É o retorno definitivo do homem à vida comum, uma instância que não pode ser discutida pelas escalafóbicas teorias filosóficas.

O insulamento tipicamente concernente ao ceticismo Moderno⁵⁹, e que não vejo em Sexto cria um tipo de reflexão cética, ligada à dúvida filosófica que “não pode ser estritamente refutada pelo senso comum. Mas o corolário disto deve ser que o senso comum não pode ser refutado pelo ceticismo filosófico”⁶⁰. Este tipo de insulamento propicia que as dúvidas filosóficas, agora associadas à versão Moderna do ceticismo, possam ser agressivas, incidindo sobre toda a teórica filosófica, enquanto que o filósofo, como homem comum, simultaneamente pode se refugiar no âmbito da sua vida comum e não ser atingido pela dúvida cética Moderna, por mais incisiva que ela seja: “o insulamento é uma meta de duas vias, protege a vida

⁵⁸ Grifo nosso.

⁵⁹ Por mais redundante que seja o termo “insulamento tipicamente Moderno”, porque o fenômeno filosófico do insulamento é tipicamente Moderno, persisto em seu uso para distinguir entre um possível insulamento advindo da filosofia de Sexto e o insulamento de Kant.

⁶⁰ Burnyeat, *The Sceptic in His Place and Time*.

ordinária da filosofia, e protege a filosofia da vida ordinária (...) e não se pode adquirir a proteção de um sem a do outro.”⁶¹

Este aspecto do insulamento, de redundar na possibilidade de isolar a vida comum da teórica e vice-versa, também aparece relacionado ao ceticismo Pirrônico e também à narrativa da própria vida de Pirro:

Enesidemo, entretanto, afirma que na filosofia Pirro aplicava o princípio da suspensão do juízo, porém na vida cotidiana não lhe faltava a precaução. (D.L. IX 62).

Mas nesta passagem, onde Diógenes Laércio narra a visão de Enesidemo da filosofia de Pirro há um erro crucial: a atribuição por Enesidemo da suspensão de juízo a Pirro. Pierre Coussin já demonstrou em “L’origine e L’évolution de L’ΕΠΟΧΗ”⁶² que a prática da suspensão do juízo era originalmente Estóica e foi posteriormente apropriada por Arcesilao para demonstrar que haveria nesta prática um critério de ação melhor e mais plausível, diante das incertezas, do que o fornecido pela controversa ação de acordo com as ainda mais controversas apresentações seguras.⁶³

Além disso, a suspensão de juízo do personagem Pirro nesta passagem, que é bastante diferente do Pirro histórico, se incidiria sobre a teórica filosófica, isto também ocorrerá com Sexto, contudo, conforme já demonstramos, a suspensão de Sexto é muito mais forte e dela não escapam mesmo os juízos assertóricos feitos pelos homens comuns na sua vida comum. Retorno, então à idéia de que o insulamento que aparece em Sexto é, em um sentido, como o dos Modernos de modo que ambos isolam a teórica da vida comum e a vida comum da teórica. Mas no caso da terapia Pirrônica de Sexto, isolar-se da teórica, ou livrar o homem de toda inquietude causada pela adesão a todo juízo teórico, será o objetivo último do purgante cético, o homem passa a viver de acordo com os ditames da natureza, aceitando a coerção imposta pelas sensações e vivendo, definitivamente, como um homem comum: exercendo uma profissão e participando das coisas da cidade. Este homem não cultiva a reflexão filosófica, nem a mais simples e nem a mais

⁶¹ Burnyeat, *The Sceptic in His Place and Time*.

⁶² *Revue des Etudes Grecques*, n° 42, 1929.

⁶³ Sobre isto já tratamos antes.

estrambólica em uma instância provisória e, logo após, retira-se desta instância para viver, também provisoriamente, na instância da vida comum, podendo retornar à teórica quando desejar, este homem “não divide seu pensamento em dois compartimentos separados, um para os dias da semana e o outro para os domingos”.⁶⁴

O insulamento tipicamente Moderno começa, por sua vez, segundo Burnyeat, com Kant:

Foi Kant quem persuadiu a filosofia de que se pode ser, simultaneamente e sem contradição, um realista empírico e um idealista transcendental. Ou seja, foi Kant quem nos deu a idéia de que há uma maneira de dizer o mesmo tipo de coisa como dizia um cético real como Enesidemo, digo ‘O sujeito cognoscente contribui para o que é conhecido’, o que, contudo, não impugna a objetividade dos julgamentos nos quais o conhecimento é expresso. Onde Enesidemo poderia citar fatores empíricos (icterícia e coisas do gênero) que obstruem o conhecimento objetivo, o princípio Kantiano de que os objetos se conformam com o nosso entendimento é projetado para demonstrar que nossos juízos são validados, e não impugnados, pela contribuição da mente cognoscente. Mas Kant pode fazer esta afirmação, famosamente difícil como é, somente porque em sua filosofia a ligação pressuposta é de fato rompida. ‘O fogão está quente’, tomado empiricamente, não implica em um ponto de vista filosófico de nível transcendental onde, a partir de agora, a batalha filosófica será lutada. O realismo empírico é invulnerável ao ceticismo e compatível com o idealismo transcendental.

(...) O efeito, contudo, foi que o próprio ceticismo mudou de grau para o nível transcendental. (Burnyeat, *The Sceptic in His Place and Time*).

Esta forma de insulamento apesar de começar de fato com Kant, segundo Burnyeat, teria prévias em Descartes, Berkeley e Hume. No caso deste último, que foi objeto da nossa discussão ao longo de uma seção inteira, o ceticismo aparecerá como modo de se questionar drasticamente a própria vida cotidiana. Hume demonstrou, usando o ceticismo, que nós homens racionais não poderemos agir se usarmos exclusivamente a razão, a racionalidade aplicada e levada às últimas conseqüências nos conduz a uma espécie de vida antinatural onde não poderíamos agir ou, se

⁶⁴ CORNFORD, F. M. *Antes e Depois de Sócrates*. São Paulo: Martins Fontes, 2007. (Falando nesta passagem sobre Pitágoras).

pudéssemos, não teríamos parâmetros para sabermos como fazê-lo. O objetivo de Hume é demonstrar que nossas ações são impregnadas, na verdade, por crenças infundadas e por hábitos repetitivos, mas para demonstrar isso ele faz o ceticismo incidir sobre a vida comum, neste sentido Hume não é certamente um insulado.